

## DA LINGUAGEM, DO CORPO, DA CAPOEIRA...

**Gilbert de Oliveira Santos**  
Professor Assistente da UFVJM

### RESUMO

*Este texto deseja expor algumas idéias sobre a capoeira à partir, principalmente, de alguns estudos sobre a linguagem. Assim, atribuímos alguns sentidos e significados da linguagem corporal da capoeira.*

### ABSTRACT

*This text desires to display some ideas on the capoeira to leave, mainly, of some studies on the language. Thus, we attribute to some directions and meanings of the body language of the capoeira.*

### RESUMEN

*Este texto desea exhibir algunas ideas en el capoeira a irse, principalmente, de algunos estudios en la lengua. Así, atribuimos algunos direcciones y significados de la lengua de cuerpo del capoeira.*

### NO PÉ DO BERIMBAU...<sup>1</sup>

Faz parte do estatuto da Educação Física o estudo de determinadas práticas em que o corpo é particularmente importante. Práticas históricas que expressam sentidos e significados e que educam os corpos. Educam-nos. Considerando a capoeira como uma linguagem corporal particular, pretendemos discutir neste trabalho, alguns sentidos/significados dessa linguagem e estabelecer algumas relações com a Educação Física<sup>2</sup>.

O mundo nos é dado repleto de sentidos/significados. Quando nascemos entramos em contato com eles através das mais diversas práticas. Seja através das práticas corporais, da língua, da cultura material ou imaterial, vamos nos tornando(educando).

Significar é humano: “É impossível ao homem não significar. A significação faz parte da atividade humana” (Smolka, 2004, p.35). Mesmo se não percebemos, significamos todo o tempo. Significar não faz apenas parte do processo de comunicação, é também uma particularidade humana. O signo, a significação, a linguagem<sup>3</sup> adquirem importante destaque quando tentamos compreender o estatuto humano. Nas palavras de Vygotsky(1995) apud Smolka(2004, p.41):

---

<sup>1</sup> A situação de estar “*No pé do berimbau*” é significativa para os conhecedores da capoeira e pode ter diversas razões que a motivam. Nesse caso, utilizamos da expressão para significar um momento de reflexão inicial.

<sup>2</sup> Este texto baseia-se na dissertação de Mestrado: *Da Capoeira e a Educação Física* apresentada em novembro de 2005 na Faculdade de Educação da UNICAMP sob orientação da Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Eliana Ayoub.

<sup>3</sup> Não iremos realizar uma discussão teórica ou revisar os diferentes conceitos para signo, significação, sentido, significado, linguagem etc. Para conhecer algumas linhas teóricas e conceituais sugerimos o trabalho de Betti(1994) e de Smolka(2004).

A significação, quer dizer, a criação e o uso de signos, é a atividade mais geral e fundamental do ser humano, a que diferencia em primeiro lugar o homem dos animais do ponto de vista psicológico(1995:84). Nos níveis mais altos de desenvolvimento, emergem relações mediadas entre pessoas. A característica essencial dessas relações é o signo... Um signo é sempre, originalmente, um meio/modo de interação social (...). (1995, p.83).

E nesse processo de significação, parece que a palavra, mais que outros signos, centraliza o processo de interação com a realidade. De fato, desde o nascimento interagimos intensamente com uma língua escrito-falada<sup>4</sup> que nos propicia expressar e apreender coisas.

Não se trata aqui de conceber uma linguagem superior à outra ou de renunciar uma em favor de outra. Não há razão para renunciar à presença e à força da palavra no estatuto humano. Entretanto, interessa-me refletir sobre a palavra e suas relações com outras linguagens, principalmente a linguagem corporal, já que o que se expressa não é igual, ora em palavras, ora corpo.

Palavra e corpo possuem suas especificidades, mas quais são os limites que os separam no processo de significação? Um corpo, uma palavra, outros signos quaisquer, dialogam entre si, atuam no complexo processo de significação humano. São como mecanismos que auxiliam o sujeito relacionar-se consigo e com o mundo: “Impossível a pessoa relacionar-se diretamente consigo mesma. Indiretamente é possível. E essa via mediada se faz pelo signo” (Smolka, 2004, p.45). Relacionamos-nos com a realidade, em maior ou menor grau, através das práticas corporais, das palavras, das imagens, do tato, dos cheiros, dos sons, do silêncio e dos mais diversos signos que podemos criar. Tais formas de se relacionar estabelecem uma via de mão dupla com a realidade. Somos a realidade assim como ela nos é.

Mas parece que há um espaço de expressão e apreensão vital que a palavra não consegue preencher. Nem tudo é possível dizer e aprender com palavras:

(...) existiria uma dimensão das experiências/vivências humanas passíveis de serem propiciadas também pelo movimentar-se (nas mais diferentes formas culturais) que ‘resiste às palavras’, ou, dito de outra forma, não é possível pedagogizá-las por via da sua descrição científica; fogem ao controle, à previsão (da ciência); são, de certa forma, únicas, singulares. (Bracht, 2003, p.51-52).

E aqui destacamos o corpo como signo importante de expressão e apreensão da realidade. Corpo constituinte e construtor de cultura e que, nesse processo, institui o acervo de conhecimentos corporais decorrentes da história humana. Baseando-se em Coletivo de Autores(1992) podemos chamar esse acervo de conhecimentos de cultura corporal e

---

<sup>4</sup> Parece que em algum momento de nossa história a palavra agregou o desejo e a eficácia material e simbólica necessária para ser crucial não apenas à comunicação, mas ao processo de atribuição de sentidos/significados. Ouçamos Bakhtin(1981): “Há uma outra propriedade da palavra que é da maior importância e que a torna o primeiro meio da consciência individual. Embora a realidade da palavra, como a de qualquer signo, resulte do consenso entre os indivíduos, uma palavra é, ao mesmo tempo, produzida pelos próprios meios do organismo individual, sem nenhum recurso a uma aparelhagem qualquer ou a alguma outra espécie de material extracorporal. Isso determinou o papel da palavra como *material semiótico da vida interior, da consciência* (discurso interior). Na verdade, a consciência não poderia se desenvolver se não dispusesse de um material flexível, veiculável pelo corpo. E a palavra constitui exatamente esse tipo de material. A palavra é, por assim dizer, utilizável como signo interior; pode funcionar como signo sem expressão externa” (Bakhtin, 1981, p.37).

Educação Física como uma área de estudo desse conhecimento. Ainda nessa perspectiva, destaca-se como especificidade da área de conhecimento Educação Física, a expressão corporal como linguagem. Ou seja, uma dimensão de significação só possível corporalmente:

Este é um saber que não pode ser alcançado pelo puro pensamento; é um saber orgânico, só possível com as atividades corporais, não é um saber que se esgota num discurso sobre o corpo/movimento. O papel do profissional da Educação Física é ajudar a fazer a mediação deste saber orgânico para a consciência, através da linguagem e dos signos. (Betti, 1994, p.42).

Talvez esse “*saber orgânico*” não tenha a mesma relevância que outras dimensões humanas, ainda assim, cabe a Educação Física desenvolver a reflexão dessa forma de conhecer. Forma de conhecer que segundo Bracht(2003) encerra uma ambigüidade: “(...) um saber que se traduz num saber-fazer, num realizar ‘corporal’; e um saber sobre esse realizar corporal” (Bracht, 2003, p.48). Por isso, Betti(1994) nos lembra que estamos condenados a teorizar o corpo sem o corpo, ou pelo menos, sem sua verdade mais profunda...

Os estudos da linguagem podem contribuir na compreensão do corpo e das práticas corporais. Temos então, a concepção do signo corpo e da linguagem corporal. Tal concepção deve considerar que os sujeitos são situados num contexto histórico e cultural específico. Ou seja, os sentidos/significados das práticas corporais se estabelecem e se desdobram num sujeito imerso em cultura. Ouçamos o entendimento de Daolio(2004) sobre a cultura a partir dos estudos do antropólogo Clifford Geertz:

Para Geertz, a cultura é a própria condição de vida de todos os seres humanos. É produto das ações humanas, mas é também processo contínuo pelo qual as pessoas dão sentido às suas ações. Constitui-se em processo singular e privado, mas é também plural e público. É universal, porque todos os humanos a produzem, mas é também local, uma vez que é a dinâmica específica de vida que significa o que o ser humano faz. A cultura ocorre na mediação dos indivíduos entre si, manipulando padrões de significados que fazem sentido num contexto específico. (Daolio, 2004, p.7).

É nesse contexto singular e privado, mas também plural e público que os gestos da capoeira expressam e apreendem seus sentidos/significados. Dado o caráter complexo e contextual desse processo de significação, temos a dificuldade de estabelecer com precisão os sentidos/significados dos gestos de capoeira.

Cada corpo tende a carregar a simbologia do seu tempo, da sua cultura. Os corpos manifestam-se de forma diferente em cada cultura e em cada tempo. Considerar esse processo como perda é menosprezar o caráter mutável da cultura. Ao mesmo tempo, há em cada gesto uma memória que está imbricada a história: “(...) o corpo é, ele próprio, um processo. Resultado provisório das convergências entre técnica e sociedade, sentimentos e objetos, ele pertence menos à natureza do que à história” (Sant’Anna, 1995, p.12, apresentação). Se há em cada gesto, de certa forma, a história da humanidade, qual o impacto dessa historicidade no processo de *incorporação* de sentidos/significados pelo sujeito?

Tentemos fazer uma espécie de tradução entre signos diferentes, mas não desconexos: corpo e palavra. Utilizaremos palavras para tentar compreender algo que ocorre corporalmente. Para Bakhtin: “(...) compreender um signo consiste em aproximar o signo apreendido de outros signos já conhecidos; em outros termos, a compreensão é uma resposta a um signo por meio de signos” (Bakhtin, 1981, p.33-34).

Também é bom lembrar que essa tradução não é fidedigna. Não é possível trazer para o âmbito desse texto aspectos significativos da capoeira e que só são possíveis no âmbito da sua linguagem particular. Aspectos como a poesia, a magia, a religiosidade<sup>5</sup> etc., além do que é misterioso e inapreensível na essência dessa prática. Esses sentidos/significados não se expressam da mesma forma no nível da explicitação intelectual...

## MAS O QUE É A CAPOEIRA: ALGUNS SENTIDOS E SIGNIFICADOS...

A capoeira possui uma memória imbricada ao processo de escravização dos africanos no Brasil. Seus sentidos/significados contém o germe do legado dessa história... O corpo na capoeira nos mostra a possibilidade do embate físico como forma de sobrepujar o outro, nesse sentido é uma luta<sup>6</sup>.

Acredito que é possível significar os gestos de capoeira como uma luta por liberdade, mas também é possível que essa luta expresse e *incorpore* outros sentidos/significados. Considerando a influência sobre a capoeira de outras práticas e sendo ela uma arte que simula um embate corporal, o que acontece com o sujeito no momento que chuta o ar quando está jogando capoeira?

Não há dúvida de que a capoeira é uma luta, mas quais são os limites éticos que diferenciam uma roda de capoeira de uma briga de rua? Ouçamos um Mestre de capoeira:

Uma cabeçada bem marcada, uma rasteira, uma chapa que surpreende etc., é normal e faz parte da capoeira, desde que o seu companheiro consiga continuar vadiando com você e possa amanhã trabalhar, estudar etc. (Palavras do Mestre Jogo de Dentro quase sempre pronunciada nos dias de suas rodas de capoeira).

Dado o caráter inventivo e combativo da prática, não é tão simples definir de antemão o que pode e o que não pode num jogo de capoeira. O que parece ser consensual na capoeira é que o triunfo deve ou deveria ocorrer mais no plano moral do que no plano físico. Ouçamos o Mestre João Pequeno:

---

<sup>5</sup> Penso na religiosidade como uma forma do sujeito dar sentido aos mistérios da existência. Pensar na vida como algo sagrado e na existência como algo para além de si próprio. Na capoeira, os rituais, as músicas, o corpo, expressam relações de caráter eminentemente sagrado que compelem o sujeito a vivenciar essa dimensão, mesmo sem perceber. Além disso, penso que negar a existência desses elementos na capoeira é desviar-se de um confronto que acredito ser cada vez mais necessário atualmente: por que não é possível pensar em Deus ou em Deuses sem depreciação ou desvinculando-se dos conflitos de ordem religiosa? Porque as religiões de matriz africana que compuseram o contexto cultural que dá origem a capoeira, não podem ser respeitadas nas peculiaridades que as caracterizam?

<sup>6</sup> Para além do caráter combativo que a prática constituía como possibilidade de confronto direto em relação ao opressor, a capoeira continha outras formas de resistência. A capoeira também possibilitava ao oprimido o desabafo contido e o gozo de uma situação lúdica em meio a um cotidiano de dor e sofrimento: “O povo criou formas de resistir a este(poder). Não opondo-se frontalmente a este, mas subliminarmente. Pela indolência, pela persistência da alegria, pela permanência de seus ritmos” (Moreno, 2000, p. 109).

O capoeirista para bater no seu adversário..., ele não precisa encostar o pé..., ele deve ter o seu corpo freado, manejado, para ele levar o pé e ver que o adversário não se defendeu, antes do pé encostar, ele 'frea' o pé..., porque quem tá de parte vê: ele não bateu porque não quis..., então não precisa dá pancada não! Para bater não precisa dar pancada no adversário... (Mestre João Pequeno em: Pastinha! Uma vida pela Capoeira. Produção de Antonio Carlos Muricy, 1998).

No entanto, são comuns rodas de capoeira em que ocorrem atos violentos entre os praticantes. Mesmo que aspectos como a violência, a brutalidade, a agressividade etc., sejam considerados elementos perigosos socialmente, parece que também há uma espécie de desejo e procura por algo que demonstre força, valentia etc. Muitas vezes, isso define maior ou menor prestígio do sujeito dentro de um grupo de capoeira<sup>7</sup>. De fato, uma condição física avantajada proporciona certo status social e é não só aceita como muitas vezes desejada, apesar de sermos cada vez mais desobrigados de atributos físicos na realização de nossas tarefas cotidianas<sup>8</sup>. Nesse sentido, vale a pena pensar nas razões que fazem os sujeitos procurarem aprender alguma prática corporal combativa: uma luta.

Os gestos da capoeira brincam com a noção de verdade. Bom capoeira<sup>9</sup> é o que consegue iludir com elegância. Pode ser tão ilusório que não há razões para crer que também pode ser de grande combatividade. Jogar capoeira é disfarçar as intenções do corpo.

Na capoeira, há um conjunto de sentidos/significados que instauram espaços de ritos: rituais de festejo, de louvação, de respeito às tradições<sup>10</sup> e aos mistérios etc. Esses rituais são importantes e emblemáticos no processo de continuidade e transformação dos conhecimentos:

O procedimento ritualístico é tanto uma reiteração quanto uma atualização da Origem, porque por meio dele a tradição confronta, no aqui e no agora, na singularidade das vivências, a mobilidade histórica. O ritual realiza-se sempre com os materiais possíveis num determinado momento da história, mas com atenção aos 'fundamentos', aos protocolos da Origem. Ele é um 'texto' - mais que uma simples série de conteúdos ordenados -, uma forma que tem de se abrir à criatividade requerida pela mutação histórica. (Sodré, 2002, p.116).

Tais rituais exigem respeito a determinadas tradições que se confirmam no decorrer do tempo. Os rituais estabelecem-se a partir de certo rigor com o cumprimento dos

---

<sup>7</sup> Os grupos de capoeira constituem a maneira preponderante de organizar os sujeitos em torno da prática. Há muitos grupos de capoeira, assim como também há diferentes formas deles se constituírem. Desde grupos pequenos em que as relações se estabelecem em torno de um único Mestre até grupos transnacionais, com grande número de adeptos e Mestres de capoeira.

<sup>8</sup> Referimo-nos as facilidades que se apresentam atualmente, tornando cada vez mais desnecessária a utilização de atributos físicos na realização das tarefas do lar, do trabalho, do lazer etc., para a grande parte da população que pode usufruir os equipamentos e espaços que oferecem serviços para aprimoramentos dos atributos corporais.

<sup>9</sup> Capoeira como praticante da arte, tentando intencionalmente estabelecer um contraponto à denominação capoeirista, que se assemelha a esportista!

<sup>10</sup> "A tradição - entendida como o conjunto de saberes transmitido de uma geração para outra - (...) A herança cultural repassada (a tradição é uma forma de comunicação no tempo) faz dela um pressuposto da consciência do grupo e a fonte de obrigações originárias, que se reveste historicamente de formas semelhantes a regras de solidariedade" (Sodré, 2002, p.103).

ensinamentos. Ensinaamentos que permanecem através do tempo e que ligam o sucessor com o antecessor. A ancestralidade:

A *ancestralidade*, de maneira geral, é considerada relativa aos antepassados, aos antecessores, aos que passaram e aos que se encontram presentes. Na roda de capoeira, como fora dela, a relação do capoeirista com seus antepassados é íntima. O morto, o ancestral, está presente tanto no passado como na contemporaneidade. A essência da *ancestralidade* é uma relação híbrida do ‘velho’ com o ‘novo’, do passado com o presente, do visível com o invisível e do imanente com o presente. (Castro Júnior, 2004, p.149-150).

Nas religiões de matriz africana, o corpo é elemento fundamental de ligação com o sagrado. A capoeira não é uma religião, no entanto, possui sentidos/significados que lhe atribui caráter eminentemente sagrado. O corpo e a música são atributos que lhe conferem uma especificidade e a aproxima dos rituais religiosos de matriz africana em que a música e a dança<sup>11</sup> exercem importante papel na ligação do humano com o sagrado.

Capoeira é necessariamente relação. Um corpo depende do outro. Um corpo tenta conversar com o outro. Talvez por essa tentativa de conexão, a capoeira abandona graciosa e brevemente suas características combativas que a poderiam tornar uma luta definitiva. Podemos pensar na capoeira como uma linguagem particular em que o corpo e seus gestos são como palavras que pronunciam e *incorporam* sentidos/significados<sup>12</sup>.

O corpo busca o redondo, o circular. O círculo representa a unidade e o infinito, não tem começo e nem fim... Cada gesto é como uma pergunta que permite a elaboração de muitas respostas e que geram por sua vez, novas e novas perguntas e respostas... Na capoeira, podemos pensar que um corpo pergunta algo para outro que, ao ouvir, responde sucedendo novas perguntas e respostas. Um diálogo em que o corpo expressa as idéias, os interesses, desejos, dúvidas, etc., dos sujeitos que jogam(*conversam*) capoeira.

No entanto, para que haja diálogo corporal é necessário que se expresse algo que o outro entenda e que se compreenda o que o outro quer dizer. Caso contrário, o diálogo não ocorre e quando isso acontece, o jogo não flui. É por isso que Moreno(2003) diz que os movimentos da capoeira “precisam ser diferentes para ‘encaixar-se’, são um metade do outro e sendo diferentes tornam-se um só corpo?” (Moreno, 2003, p.59).

---

<sup>11</sup> As cantigas e danças dos escravos não apresentavam somente elementos lúdicos, mas também permitiam a expressão e promoção de crenças e ritos. No entanto, as cantigas de capoeira que se referem diretamente à princípios religiosos, normalmente se faz com elementos advindos do Cristianismo, tais como Santa Maria, Santo Antonio, igreja etc. É possível que isso esteja relacionado não só ao fato dos escravos aderirem ao Cristianismo, mas também ao desejo de disfarçar a crença de princípios religiosos de matriz africana, fato que sendo descoberto poderia gerar grande repressão: “Sem seus parentes, vizinhos e comunidades africanas, os estrangeiros que se reuniam na cidade encaravam o desafio de criar suas próprias comunidades em meio a senhores hostis que queriam isolá-los uns dos outros ou incorporá-los a suas famílias, ou, ao menos, a suas estruturas religiosas e sociais, porém, os africanos resistiam, pois essas estruturas não satisfaziam suas necessidades nem correspondiam aos seus sistemas de valores. Alguns, é claro, sucumbiam à influência dos donos e se convertiam ao catolicismo, enquanto outros tomavam emprestadas certas crenças e imagens religiosas católicas” (Karasch, 2000, p.341).

<sup>12</sup> Pensamento suscitado a partir dos ensinamentos do meu Mestre Jogo de Dentro, assim também como do trabalho de Moreno(2003).



Figura: Opostos que tentam se unir: diálogo corporal.

Normalmente busca-se encaixar no espaço vazio deixado pelo outro. As maneiras de se preencher esse espaço vazio compõem-se num repertório a ser definido pelos ensinamentos do Mestre e pelo desenrolar do jogo. Para tal fim, usa-se do repertório técnico gestual da capoeira. São os golpes, como se costuma dizer, específicos da prática. São muitos, pois são muitos os acréscimos e desvios que lhes são processados no tempo e na cultura. Tais golpes atendem às necessidades dos sujeitos nos desdobramentos das práticas de uma época, de uma sociedade. Necessidades que produzem novos corpos e potencializam o caráter de absorção das práticas. Quais sentidos/significados dos golpes da capoeira? O que suas conformidades físicas nos dizem? Quais são suas razões?

Não é nosso intuito assumir uma gama de golpes como verdadeiros ou organizar um dicionário corporal da capoeira. Entretanto, há uma busca interessante de pensar no universo das práticas corporais: o desejo do novo, muitos vezes entendido como “*mais moderno*”. Parece que há uma relação quase natural que diz que é preciso modernizar-se! Apesar do mais atual não ser necessariamente melhor, muitas técnicas corporais estão ultrapassadas ou perderam legitimidade. No caso da capoeira, uma das maneiras disso apresentar-se está na idéia de realizar ou criar o maior número possível de golpes ou também de estabelecer uma espécie de parâmetro técnico para comparar e avaliar os golpes. A avaliação e a comparação são importantes quando se deseja quantificar o conhecimento para fins de progresso!

O desejo de progresso e de novas técnicas não está relacionado só as práticas corporais, esse é um processo cuja amplitude envolve outros aspectos da vida social, está imbricado a avidez do homem em satisfazer os desejos, conseguir rapidamente resultados. O ideal de progresso está de tal forma imbricado socialmente que é difícil contentar-se com o que já se possui. É preciso cada vez ter mais... Isso gera inúmeras técnicas e incursões que prometem o progresso em período cada vez menor de tempo. Muitas vezes, para tal fim destitui-se das práticas corporais sua história. Desacomoda-se dos sujeitos suas idiossincrasias. A ciência e a técnica a serviço do progresso do homem e da sociedade...

Tal discurso, possível de ser visto na capoeira, nos remete a pensar na paradoxal história de felicidade e regressão humana, que segundo Vaz(1999) nos dá “(...) motivo para relativizar um pouco a idéia de que o progresso sempre é positivo, e perceber como este traz consigo também o germe da destrutividade” (Vaz, 1999, p.92).

Na capoeira, a presença do Mestre confronta-se, ainda que provisoriamente, com esse processo de modernização. Ao dar continuidade aos ensinamentos “*da forma como aprendeu*”, o Mestre propõe certo conflito aos alunos e alunas, pois sendo “*a pedagogia*

*das coisas*”<sup>13</sup> desses aprendizes originária de um outro tempo, essa forma de ensinar pode tornar-se para eles ultrapassada ou monótona. No entanto, essa tradição é o que permite a permanência e preservação da matriz fundadora.

O Mestre baseia-se essencialmente na forma que aprendeu para ensinar. O Mestre conserva, para além dos seus interesses, o que aprendeu da forma como aprendeu. Esse processo de ensino caracteriza-se por uma tensão entre tradição e transformação.

Os limites de mudança na capoeira são difíceis de estabelecer e de racionalizar. Um bom Mestre realiza esse processo referenciando-se mais pelo sentimento do que pela lógica. Não se deve alterar a matriz primordial da prática, ao mesmo tempo em que se atende às necessidades simbólicas e materiais de um novo tempo: um paradoxo que não necessita ser solucionado...

O Mestre é fundamentalmente o que sabe fazer, ele possui o prestígio que promove segundo Mauss(1974) a *“imitação prestigiosa”*:

O indivíduo toma emprestado a série de movimentos de que ele se compõe do ato executado à sua frente ou com ele pelos outros.

É precisamente nesta noção de prestígio da pessoa que torna o ato ordenado, autorizado e provado, em relação ao indivíduo imitador, que se encontra todo o elemento social. (Mauss, 1974, p.215).

Há muitas maneiras de ensinar. Muito mais do que a razão possa dizer como correta ou mais avançada... Há Mestres de capoeira que ensinam lindamente e não possuem diplomas ou licença para lecionar em universidades ou outras instituições. Esses Mestres conseguem capturar o incomensurável e expressar a magia da prática. Penso que eles merecem muito mérito, pois se não fossem alguns deles, não estaríamos aqui falando de capoeira...

## VAMOS EMBORA CAMARADA...

Então é possível pensar nas práticas corporais como linguagens particulares que significam, expressam e apreendem sentidos/significados, educam os sujeitos. Tal discurso ainda parece-me demasiado difícil de alcançar. Sentidos/significados que não são facilmente teorizados. Acredito que ainda temos muito que pensar naquilo que o corpo quer dizer na sua verdade mais profunda: seu realizar corporal. Daí a possibilidade dos estudos da linguagem e suas teorias de contribuírem para aproximarmos-nos daquilo que “sentimos” em nosso realizar corporal. Realizar corporal que é fundamental, pois nos permite expressar e apreender sentidos/significados essenciais para a nossa vida. No caso

---

<sup>13</sup> Para entendimento da *“linguagem pedagógica das coisas”* ler Pasolini(1990). Por ora, deixamos um pequeno fragmento de suas idéias: “Este é o ponto importante: minha cultura(com seus esteticismos) me coloca numa postura crítica em relação às ‘coisas’ modernas entendidas como signos lingüísticos. A tua cultura, ao contrário, te faz aceitar essas coisas modernas como naturais e acolher o seu entendimento como absoluto.

Posso tentar desafinar, ou pelo menos colocar em dúvida, o que te ensinam os pais, professores, televisões, jornais e, principalmente, os meninos da tua idade. Mas sou absolutamente impotente contra o que te ensinaram e te ensinam as coisas. Sua linguagem é inarticulada e rígido o espírito do teu aprendizado e das opiniões não-verbais que se formaram em você através desse aprendizado. Nesse particular somos dois estranhos, que nada pode aproximar” (Pasolini, 1990, p.131).



da capoeira, gostaríamos de destacar os sentidos/significados que nos encantam. Estamos nos reportando ao arrepio que sentimos quando ouvimos uma ladainha bem cantada que recorda Mestre Bimba, Mestre Pastinha ou outros guardiões dessa arte. Também nos referimos ao sorriso que damos quando olhamos nos olhos do camarada e não sabemos mais se estamos dançando, lutando ou o que quer que seja! E também daquela vontade de voar quando o jogo flui e nos sentimos livres como o vento... Enfim, daquelas coisas que apesar de sermos carne, osso e sangue, sentimos na alma, que é o lugar em que se dá a significação poética da capoeira.

## REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e filosofia da linguagem*. 8.ed. São Paulo: Hucitec, 1981.
- BETTI, Mauro. O que a semiótica inspira ao ensino da Educação Física. *Discorpo*: Revista do Departamento de Educação Física e Esportes da PUC-SP. São Paulo, n.03, p.25-45, out. 1994.
- BRACHT, Walter. *Educação Física & ciência: cenas de um casamento (in)feliz*. 2.ed. Ijuí: Ed. Unijuí, 2003.
- CASTRO JÚNIOR, Luís Vitor. Capoeira Angola: olhares e toques cruzados entre historicidade e ancestralidade. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*. Campinas, v.25, n.02, p.143-158, jan. 2004.
- COLETIVO DE AUTORES. *Metodologia do Ensino de Educação Física*. São Paulo: Cortez, 1992.
- DAOLIO, Jocimar. *Educação Física e o conceito de cultura*. Campinas: Autores Associados, 2004.
- KARASCH, Marcy. *A vida dos escravos no Rio de Janeiro (1808-1850)*. São Paulo: Companhia das letras, 2000.
- MAUSS, Marcel. *Sociologia e Antropologia*. São Paulo: EPU, 1974.
- MORENO, Andrea. Corpo e ginástica num Rio de Janeiro - mosaico de imagens e textos. *Revista Motrivivência*. Florianópolis, ano XI, n.15, p.105-112, ago. 2000.
- \_\_\_\_\_. O Rio de Janeiro e o corpo do homem fluminense: o “não-lugar” da ginástica sueca. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*. Campinas, v.25, n.01, p.55-68, set. 2003.
- MURICY, Antonio Carlos. *Pastinha! Uma vida pela Capoeira*. Rio de Janeiro: Record Produções, 1998. 1 videocassete.
- PASOLINI, Pier Paolo. *Os Jovens Infelizes: antologia de ensaios corsários*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1990.
- SANT’ANNA, Denise Bernuzzi de (Org<sup>a</sup>). *Políticas do Corpo: elementos para uma história das práticas corporais*. São Paulo: Estação Liberdade, 1995.

SANTOS, Gilbert de Oliveira. *Da Capoeira e a Educação Física*. 2005. (100f.). Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação. Campinas, 2005.

SMOLKA, Ana Luiza Bustamante. Sentido e Significação - Sobre significação e sentido: uma contribuição à proposta de rede de significações. In: ROSSETTI-FERREIRA, Maria Clotilde. (Org<sup>a</sup>). *Rede de Significações e o estudo do desenvolvimento humano*. Porto Alegre: Artmed, 2004. p.35-49.

SODRÉ, Muniz. *O terreiro e a cidade: a forma social negro-brasileira*. Rio de Janeiro: Imago editora; Salvador: Fundação Cultural do Estado da Bahia, 2002.

VAZ, Alexandre Fernandez. Treinar o corpo, dominar a natureza: notas para uma análise do esporte com base no treinamento corporal. *Caderno Cedes* (Org. de SOARES, Carmen Lúcia.), Campinas, ano XIX, n.48, p.89-108, ago. 1999.

VYGOTSKY, Lev Semyonovich. *Obras Escogidas*. Madri: Visor, 1995.

GILBERT DE OLIVEIRA SANTOS  
Rua Valmira Pires, 99 Apartamento Áustria  
Bairro de Fátima Diamantina-MG  
Cep 39100-000  
gilbertosantos@zipmail.com.br